

# A ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno . . . . . 45000 réis.

Numero pago à entrega. 5090

N.º 50 — VOL. III.

Sabbado 17 de Dezembro de 1859.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno . . . 45300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . . 55000

## Summario.

ARTIGOS — Historia da actualidade — Dantzic — Ha sessenta annos, continuação — Reinado de D. Alfonso VI, continuação — A cidade de Lamego — A villa de Linhares — Opiniões dos professores e mestres da universidade de Coimbra sobre os direitos de D. Antonio prior do Crato a successão do throno de Portugal — O palacio de Ibrahim-Pachá — Chambers — Conselhos para fazer versos — A mundanaria, continuação — Os brutos sabios — Soneto.

GRAVURAS — Brasões da cidade de Lamego, e villa de Linhares — O palacio de Ibrahim-Pachá — Dantzic

## Historia da actualidade.

Publicou-se em Paris uma broxura, que tem por titulo: *O paga e o congresso*. Proclama-se n'esta obra a necessidade de sua santidade manter o poder temporal. A imprensa ingleza faz altos elogios a esta broxura.

— Ha tempos, desde que a Hespanha se decidiu pela guerra de Marrocos, a Inglaterra principiou a insistir com esta potencia por causa de reclamações pecuniarias. Agora recebeu o embaixador inglez em Madrid ordem para não proseguir nas ditas reclamações.

— A Toscana acha-se actualmente dividida em quatro partidos — o da casa de Lorena, o de Mazzini, o de um governo da Italia presidido por um principe qualquer, e o dos annexionistas.

— Em Pesth houve desordens por causa de questões religiosas. A vigilancia das autoridades teve forças para as reprimir.

— Varios representantes destinados ao congresso de Paris, já estão fazendo seus preparativos de viagem.

— O principe Napoleão entrou no periodo da convalescença.

— Inauguraram-se em Argel, com solemnisima festividade, os trabalhos do caminho de ferro de Bildah.

— O principe de Gortschakoff foi nomeado pela Russia plenipotenciario ao proximo congresso. Hade auxilial-o n'esta missão o conde de Kisseff, embaixador em Paris.

— Publicou-se em França a nota de organização da expedição que a dita potencia envia á China.

— Entre Ceuta e Algeciras já principiou a funcionar o telegrapho electrico.

— O barão de Rothschild comprou ao governo russo o caminho de ferro de S. Petersburgo para Moscovo, pela quantia de oitenta milhoes de rublos de prata.

— O ex-rei de Oude, depois da sua longa detenção, consentiu em receber uma pensão dos in-

glezes, abandonando todas as pretensões ao seu reino.

— Acaba o mesmo monarcha de expulsar do seu serviço todos os conselheiros que se lhe conservaram fieis durante os dias de infortunio.

— Parece que se depositaram no banco de Portugal trinta mil libras esterlinas, para se proceder ao contracto provisório do caminho de ferro do sul.

— Corre boato de que o congresso europeu se occupará de reformar o direito maritimo para tempos de guerra.

— O *Monitor* publicou um decreto organisando as milicias em Argel, as quaes formarão um effectivo de vinte e cinco mil homens.

— O actual ministro da guerra em França, o general Randon, por motivo de sua saude pediu a demissão, que o imperador lhe não concedeu, autorisando unicamente uma licença por todo o tempo necessario para se restabelecer.

— Já chegaram feridos a Cadiz das escaramuças que tem havido em Africa.

— Em consequencia da escassez de comestiveis que se experimenta em Gibraltar se preveniram os especuladores em o nosso reino do Algarve, para levarem para ali provisões.

— Um filho de Garibaldi, que tem vinte annos de idade, desposou uma menina pertencente á nobreza de Milão.

— Em Orense houve uma grande funcção de egreja para implorar o favor do Altissimo para as armas hespanholas.

— Assegura-se que o congresso se reunirá em Paris no dia 20 do proximo Janeiro.

— Ha nova lei de imprensa em Vienna. No artigo quarto se declara crime toda a noticia verdadeira ou falsa que tenda a metter a ridiculo os que occupem posição official, ou que critique medidas do governo.

— E' costume todos os annos, em 12 de Novembro, abrir-se o tumulo de S. Francisco Xavier, na cidade de Goa. Assim se procedeu este anno, para o expór á veneração dos fieis, e d'isso-se lavrou o competente auto.

— Encontrou-se o corpo do santo, tendo o craneo revestido pelo lado direito de coiro cabelludo, se bem que raros os cabellos, e do lado esquerdo completamente descoberto. Dos dentes visiveis só tem falta de um; existem ambas as orelhas; falta o braço direito; está inteira a mão esquerda inclusivamente as unhas; no pé direito faltam o quarto e quinto dedos. O corpo estava revestido com as vestes sacerdotaes.

— Encontrou-se na estrada do Rio Secco, met-

tido n'uma caixa, o cadaver de uma rapariga, o que denunciou morto violenta, mas por ora nada se sabe relativamente aos autores d'este crime.

— Effectivamente terá logar na proxima segunda feira a caçada que a familia real vae fazer na lagoa de Obidos.

— Esta lagoa está meia legua ao poente da dita villa, e é a primeira no nosso reino em extensão, profundidade e abundancia de pescado. Tem legua e meia de comprimento, e outro tanto de largo. Parece ter na sua maior profundidade oito braças.

## Dantzic.

Por muitos seculos gozou Dantzic os privilegios de cidade livre: tinha-se collocado sob a protecção da Polonia. Depois da divisão d'este reino em 1793, viu-se obrigada a receber guarnição prussiana. No tempo do primeiro imperio, caiu em poder das armas francezas depois de um mez de cerco. O tratado de Tilzit restituiu-lhe os direitos de cidade livre. Em 1813 situaram-na os exercitos russo e prussiano, tomando-a depois de pertinaz defensão, que durou oito mezes. Concluida a paz, foi elevada á cathogoria de capital de uma provincia da Prussia.

Dantzic não é só notavel como posição militar; é a praça commercial mais importante do Norte, entre Hamburgo e S. Petersburgo. A sua situação, sobre a margem esquerda do principal braço do Vistula, a uma legua do mar Baltico, faz d'ella o emporio natural dos paizes agricolas, que se estendem desde as margens d'este mar até ao mar Negro, e comprehendem o nordeste da Prussia, a Polonia, a Lithuania, a Volhynia, algumas provincias russas, e a Ukraina: assim, deve quasi toda a sua prosperidade ao commercio de grãos. A cerveja, madeira, zinco, e lã, fornecem tambem bom contingente ao commercio. A população, não ha muitos annos, subia a sessenta mil almas; a guarnição é, ordinariamente, de sete mil homens.

Contam-se em Dantzic vinte e uma egrejas, quatro das quaes destinadas ao culto catholico. As ruas, pela maior parte, são estreitas e tortuosas: as antigas casas chamam a attenção pela architectura. Os estabelecimentos de utilidade publica são numerosos e perfeitamente administrados. Cita-se, entre as instituições especiaes, a escola real de navegação.

## Ha sessenta annos.

Noticias curiosas do anno de 1790, relativas a Portugal.

Continuação.

Agora os uniformes dos officiaes e soldados de infantaria e artilharia :

| Nome do regimento                     | vestia    | calção               | bandas      | canhão      | gola        | forro     | galões e botões |
|---------------------------------------|-----------|----------------------|-------------|-------------|-------------|-----------|-----------------|
| 1. <sup>a</sup> Armada . . . . .      | Encarnada | Verde                | Encarnadas  | Encarnado   | Encarnada   | Encarnado | Amarellos       |
| 2. <sup>a</sup> Armada . . . . .      | »         | »                    | »           | »           | »           | »         | Branços         |
| Artilharia da corte                   | Azul      | Azul                 | Azues       | Preto       | Preta       | »         | »               |
| » de Extremoz . . . . .               | »         | »                    | Pretas      | Azul        | Azul        | »         | Amarellos       |
| » do Algarve . . . . .                | »         | »                    | Azues       | »           | »           | »         | Branços         |
| » do Porto . . . . .                  | »         | Preto                | Pretas      | Preto       | Preta       | »         | »               |
| Lipe . . . . .                        | Branca    | Azul                 | Azues       | Carmezim    | Carmezim    | Branco    | »               |
| Albuquerque . . . . .                 | »         | »                    | Branças     | Branco      | Azul        | »         | Amarellos       |
| Minas . . . . .                       | »         | »                    | Encarnadas  | Encarnado   | Encarnada   | »         | Branços         |
| Cascaes . . . . .                     | »         | »                    | Azues       | Azul        | Azul        | Azul      | Amarellos       |
| Setubal . . . . .                     | »         | »                    | »           | Amarello    | Amarella    | Amarello  | Branços         |
| Peniche . . . . .                     | »         | »                    | »           | Branco      | Branca      | Branco    | Amarellos       |
| 1. <sup>o</sup> d'Elvas . . . . .     | Azul      | »                    | Encarnadas  | Encarnado   | Encarnada   | Azul      | »               |
| 2. <sup>o</sup> » . . . . .           | Branca    | »                    | Branças     | Branco      | Branca      | Encarnado | Branços         |
| Extremoz . . . . .                    | »         | »                    | Azues       | Encarnado   | Encarnada   | Branco    | »               |
| Serpa . . . . .                       | Amarella  | »                    | Amarellas   | »           | »           | Encarnado | »               |
| 1. <sup>o</sup> de Olivença . . . . . | Branca    | »                    | Côr de oiro | Côr de oiro | Côr de oiro | »         | »               |
| 2. <sup>o</sup> » . . . . .           | »         | »                    | Amarellas   | Azul        | Azul        | Azul      | Amarellos       |
| Campo Maior . . . . .                 | Encarnada | »                    | Azues       | »           | »           | Encarnado | Branços         |
| Castello de Vide . . . . .            | Branca    | »                    | »           | Branco      | Branca      | Branco    | Amarellos       |
| Moura . . . . .                       | Amarella  | Amarello             | »           | Amarello    | Amarella    | Encarnado | Branços         |
| Lagos . . . . .                       | Azul      | Azul                 | Branças     | Branco      | Branca      | Azul      | »               |
| Faro . . . . .                        | Branca    | »                    | Azues       | Encarnado   | Encarnada   | »         | Amarellos       |
| 1. <sup>o</sup> do Porto . . . . .    | Amarella  | Encarn. <sup>o</sup> | Encarnadas  | »           | »           | Amarello  | Branços         |
| 2. <sup>o</sup> » . . . . .           | Encarnada | Amarello             | Amarellas   | Azul        | Azul        | Encarnado | »               |
| Vianna . . . . .                      | Branca    | Azul                 | Côr de oiro | Branco      | Branca      | »         | »               |
| Valença . . . . .                     | Azul      | Branco               | Amarellas   | Amarello    | Amarella    | »         | »               |
| Almeida . . . . .                     | Amarella  | Amarello             | Encarnadas  | Encarnado   | Encarnada   | »         | »               |
| Penamacor . . . . .                   | »         | Azul                 | Amarellas   | Amarello    | Amarella    | Amarello  | »               |
| Chaves . . . . .                      | Encarnada | »                    | Encarnadas  | Branco      | Branca      | Branco    | Amarellos       |
| 1. <sup>o</sup> de Bragança . . . . . | Branca    | »                    | Branças     | Encarnado   | Encarnada   | Encarnado | »               |
| 2. <sup>o</sup> » . . . . .           | »         | »                    | Amarellas   | Amarello    | Amarella    | Branco    | Branços         |

Como dissemos as *casacas* dos officiaes e soldados de infantaria e artilharia eram todas azues, menos as dos regimentos da *armada*; usavam tambem de *polainas*; porém o uniforme dos *tambores* de cada regimento variava, não nas côres da gola, canhão, bandas, forro, galões e botões, mas nas côres da casaca, vestia e calção, como se vê no seguinte mappa :

| Nome do regimento.                    | casaca      | vestia    | calção      |
|---------------------------------------|-------------|-----------|-------------|
| 1. <sup>a</sup> Armada . . . . .      | Encarnada   | Verde     | Encarnado   |
| 2. <sup>a</sup> » . . . . .           | »           | »         | Verde       |
| Artilharia da corte                   | »           | Azul      | Encarnado   |
| » de Extremoz . . . . .               | »           | »         | »           |
| » do Algarve . . . . .                | »           | »         | »           |
| » do Porto . . . . .                  | »           | »         | »           |
| Lipe . . . . .                        | Carmezim    | Branca    | Carmezim    |
| Albuquerque . . . . .                 | Amarella    | »         | Amarello    |
| Minas . . . . .                       | Encarnada   | »         | Encarnado   |
| Cascaes . . . . .                     | Côr de oiro | »         | Côr de oiro |
| Setubal . . . . .                     | Amarella    | »         | Amarello    |
| Peniche . . . . .                     | »           | Azul      | »           |
| 1. <sup>o</sup> de Elvas . . . . .    | Encarnada   | »         | Encarnado   |
| 2. <sup>o</sup> » . . . . .           | »           | Branca    | »           |
| Extremoz . . . . .                    | »           | Encarnada | »           |
| Serpa . . . . .                       | »           | »         | »           |
| 1. <sup>o</sup> de Olivença . . . . . | Côr de oiro | Branca    | Côr de oiro |
| 2. <sup>o</sup> » . . . . .           | Amarella    | Azul      | Amarello    |
| Campo Maior . . . . .                 | Encarnada   | »         | Encarnado   |
| Castello de Vide . . . . .            | Amarella    | »         | Amarello    |
| Moura . . . . .                       | »           | »         | Azul        |
| Lagos . . . . .                       | »           | »         | »           |
| Faro . . . . .                        | Encarnada   | Branca    | Encarnado   |
| 1. <sup>o</sup> do Porto . . . . .    | Amarella    | Encarnada | Amarello    |
| 2. <sup>o</sup> » . . . . .           | Encarnada   | Amarella  | Encarnado   |
| Vianna . . . . .                      | Côr de oiro | Branca    | Côr de oiro |
| Valença . . . . .                     | Encarnada   | Amarella  | Amarello    |
| Almeida . . . . .                     | Amarella    | Azul      | Azul        |
| Penamacor . . . . .                   | Encarnada   | Amarella  | Encarnado   |
| Chaves . . . . .                      | »           | Branca    | »           |
| 1. <sup>o</sup> de Bragança . . . . . | »           | Azul      | Azul        |
| 2. <sup>o</sup> » . . . . .           | Amarella    | Branca    | Branco      |

O uniforme dos engenheiros era casaca azul claro, vestia e calções côr de camurça, gola e canhão de veludo preto, tudo agalado de oiro e com alamares.

Continua.

## Reinado de D. Affonso VI.

(Fragmentos).

DESGRAÇA DO ESCRIVÃO DA PURIDADE CONDE DE CASTELMELHOR.

Continuação.

O juiz do povo recebera do rei prohibição para reunir a casa dos vinte e quatro, ordenando-lhe que os consultasse separadamente. Entretanto o juiz os reuniu no mesmo dia 14, e por esta assemblea foi deputado para representar ao rei a necessidade de apaziguar o clamor publico, dando satisfação ao principe, e separando o conde; e á rainha, cujo nome, e esperanças que se punham na sua mediação, era o que continha o povo. Indo ao paço disse o juiz na antecâmara do rei, que na assemblea dos vinte e quatro se tinha resolvido avisar as bandeiras do que se passava, isto é, tocar a rebate; e que os soldados que estavam diante do paço estavam mais dispostos a pilhar e animar a sedição, que a oppôr-se-lhe e defender o conde.

A noite foi o rei ver a rainha. Parecia abalado pela separação do conde. Queixava-se muito do infante, e ainda mais do povo, que dizia ser um mau povo que o odiava. Quiz a rainha desvanecer-lhe esta opinião, e disse-lhe que o povo os amava, e era facil de governar pelos seus reis. Insistiu o rei em que era um mau povo; ajuntando, que sairia de Lisboa, e iria viver longe, mesmo em França, preferindo ser ali vassallo. que rei de tão má gente.

No dia seguinte, sobre o mesmo assumpto, dizia que antes quizera ser vassallo do rei de Castella I. A rainha fez querendo pôde para o levar a separar-se do conde, para o consolar, para o fortificar, e levantar-lhe a coragem. A palavra da mulher era persuasiva e seductora. Affonso vi não pôde conter-se que não dicesse — que só ella o consolava, e só n'ella encontrava alguma dôcura.

Foi na quinta feira 15 de Setembro pela manhã, que Pedro Fernandes Monteiro levou á rainha a resposta do principe. Informado d'ella previamente, Ruy de Moura, que estava ao facto das disposições do conde para retirar-se e pôr-se em segurança, disse á rainha que era preciso que o conde partisse na seguinte noite, e que não embrulhasse mais a corte; que fosse para onde quizesse, até para Castella, que lá estaria melhor que em Lisboa, onde expunha tudo aos perigos da desordem e confusão geral do estado.

Affonso vi tinha-se resignado a consentir na partida do conde. Castelmelhor não fallava n'outra coisa, mas antes de ausentar-se pediu á rainha, que lhe obtivesse do principe um salvo-conducto para sua honra e vida, isto é, que não proseguiriam na accusação que o principe intentara contra elle, e nada tentariam contra a sua existencia.

Em verdade, as probabilidades de que o conde tivesse idéa de attentar contra a vida do principe eram poucas: maiores eram as de que o principe tentasse contra a do conde, e que não fosse outro o motivo porque o paço se armara no dia 2. Mas Castelmelhor não pôde desculpar-se da opposição em que estivera sempre com o principe e com a rainha, que muito tempo se disse que eram faceis de contentar, principalmente a rainha: não pode desculpar-se de querer avassallar ambos rudemente, e sem medida, fazendo-os com certa malignidade suspeitos ao rei de *toda a casta de coisas*, o que deu logar a que se pensasse haver entre os cunhados intelligencia e liga para a ruina do conde.

O confessor procurou mostrar ao principe que lhe não era tão vantajoso fazer separar o conde, como minar a sua autoridade, e adquirir sobre elle vantagens mais solidas e mais reaes, que uma separação, que não seria senão por tempo limitado, depois do qual appareceria justificado, e não seria menos poderoso, nem o principe mais adiantado. D. Pedro persistiu em não querer senão a separação. Protestava que permaneceria inabalavel n'esta resolução, de que nunca podia desistir com honra.

Voltou o confessor a dar conta do occorrido á rainha, que immediatamente fez chamar os tres conselheiros, e pediu ao padre o seu relatório. Detalhadamente o fez o confessor, e mostrou a re-

B.

solução inabalável do príncipe partir, se o conde se não retirasse. Ruy de Moura, a quem a rainha pediu a sua opinião, foi de parecer que o conde se devia retirar, e que ella e elles deviam representar ao rei a necessidade de consentir n'isso. O Marquez de Sande emittindo o mesmo voto, accrescentou, que depois da separação era preciso reconciliar e unir perfeitamente todos os servidores do rei e do príncipe, para estabelecer na corte paz perduravel. O Marquez de Marialva concordou com os dois. A rainha, julgando como elles a separação do conde necessaria, ordenou a Ruy de Moura fosse logo informar o rei do relatório do confessor, e dos seus pareceres ácerca d'isto. Como era já esperado e de costume, suscitou isto no rei uma colera terrivel. Ruy de Moura veio participal-o á rainha, assim como, que o conde lhe dissera que queria retirar-se, para o que era preciso obter permissão do rei, não desejando mais que pôr a coberto a sua honra, e a de seus filhos. Accrescentava que, pois constava que Pedro Fernandes Monteiro dissera que o príncipe se contentaria que elle se retirasse por tres dias, devia Monteiro ser chamado para esclarecer o dito, e no caso confirmativo procurar-se o príncipe da parte da rainha para lhe lembrar, e aceitar que a coisa se fizesse assim.

Vindo Monteiro ao paço, Henrique Henriques o tomou de parte, e nada poupou para o dispôr a transtornar as coisas, mas não o conseguiu porque tudo já estava deliberado e resolvido pelos tres conselheiros d'estado, e á noite elle mesmo foi por Ruy de Moura, com aprovação da rainha, encarregado de saber do príncipe, como, em que maneira, onde, e porque tempo desejava que o conde se retirasse. Não respondeu o infante senão quanto ao lugar e ao modo, louvando-se n'esta parte na determinação da rainha; e quanto ao tempo, que era cedo para o medir, porque ainda o conde não tinha partido.

Só tarde soube o conde, por seu irmão, da commissão que tinham dado a Monteiro, e ácerca d'ella disse ao abbede Bani: *o negocio está perdido*. Queixou-se da rainha, como se d'ella partisse a exigencia da sua separação. D'aqui se pode inferir que até este dia Ruy de Moura, que se tinha assignalado na defesa do conde, começava a abandonar-o não o informando dos pareceres sobre o relatório do confessor, ou disfarçando-lhe a verdade em prejuizo da rainha.

Continúa.

JOSÉ DE TORRES.

**A cidade de Lamego.**

Está assentada esta cidade em lugar baixo, nas faldas do monte de Penude, que é continuação da serra da Estrella, e na margem da ribeira de Balsemão, que vaé desaguar no Douro a uma legua d'ahi. Distá do Porto doze leguas, nove de Viseu, e vinte e duas de Coimbra. Em a nova divisão, que se fez do reino em 1833, ficou pertencendo á provincia do Douro. Anteriormente fazia parte da Beira Alta.

Não ha noticia certa sobre a fundação de Lamego. A origem grega, que lhe attribuem alguns escriptores nossos, autorizando-se com as palavras de Strabão, se não é uma fabula, pelo menos é muito duvidosa. E' certo, porém, que existia como cidade no tempo dos romanos, e que se chamava *Lameca*.

D'esta epoca poucas memorias se encontram d'esta povoação, o que prova ser então pequena. Todavia não era tão insignificante, que não se atrevesse a rebellar-se contra o dominio de Roma, governando o imperador Trajano, que bem caro lhe fez pagar o seu arrojo.

Depois da destruição do imperio romano, e da invasão dos povos do norte, e que principiou esta cidade a figurar mais alguma coisa, ou d'este tempo para cá é que começam a apparecer noticias d'ella mais positivas.

Achando-se pois sob a dominação dos suevos, foi erigida em sede episcopal no concilio Lucente, celebrado no anno de 510 da era christã (\*). Este

(\*) Ha autores, que pretendem que já era sede episcopal muito anteriormente.

facto mostra exuberantemente, que n'essa epoca era Lamego uma cidade importante.

Governaram este bispado successivamente oito bispos até á entrada dos arabes na peninsula. Subjeita a cidade ao jugo musulmano, fugiram a maior parte dos seus moradores e o seu bispo para as Asturias, onde o valor de Pelajo e de um punhado de esforçados companheiros tinham salvado as reliquias do imperio godo, lançando assim os fundamentos á monarchia dos reis de Leão.

Sendo Lamego capital, e córte de um pequeno reino musulmano, foi tomada por D. Afonso III, rei de Leão, mas pouco depois caiu de novo em poder dos moiros.

No seculo XI foi reconquistada aos arabes por D. Fernando Magno, primeiro do nome, rei de Castella, achando-se n'esta empresa o celebre Ruy Dias de Bivar, mais conhecido na historia pelo titulo glorioso de *Cid Campeador*. Não são concordés os historiadores no anno d'esta victoria das armas christãs. A *Chronica dos godos* diz que teve lugar em 29 de Novembro de 1047. O historiador hespanhol Flores pretende, que foi em 1057. O que parece fora de duvida é que reinava então em Lamego um rei, ou regulo chamado Zadan Aben, e que D. Fernando Magno o deixou na posse do seu estado, contentando-se de ofazer seu tributario, provavelmente pela impossibilidade de assegurar aquella conquista.

No anno de 1102 ganhou o conde D. Henrique esta cidade á força d'armas, mas como o rei moiro Eicha se fizesse christão, não o despojou da coroa. Deu-se por satisfeito de que lhe rendesse vassallogem.

Não foi porém assim seu filho, D. Afonso Henriques, que, mais ambicioso de estender os seus dominios, reuniu aos seus estados o pequeno reino de Eicha Martin. A tradição, hoje muito contestada, diz que se reuniram em Lamego as côrtes, que puzeram a coroa de rei sobre a fronte do vencedor d'Ourique, e que constituiram Portugal em monarchia hereditaria, independente e livre.

As vicissitudes do tempo, e os desastres da guerra por vezes arruinaram e despovoaram esta cidade, sendo necessario em algumas d'essas vezes reedificá-la e povoá-la quasi inteiramente. Apesar da sua posição pouco vantajosa para o commercio, floreceu pelo impulso da industria nos seculos XIV e XV. Algumas fabricas de diversos tecidos, e uma grande feira annual, a que concorriam muitos moiros de Granada com especerarias e fazendas do Oriente, de que se abastecia a maior parte do reino, faziam de Lamego uma cidade rica e importante. Porém todas estas vantagens veiu a perder pela conquista de Granada, e expulsão dos moiros da peninsula, e pela descoberta da carreira da India. Despojada do seu pequeno emporio commercial, em breve caiu em decadencia a sua industria manufactora. A introdução de fazendas francezas e inglezas, que começou a tomar vulto na segunda metade do seculo XVI, acabou de lhe arruinar as fabricas.

Depois d'estes reveses esta cidade tem-se conservado quasi estacionaria. A prosperidade das vinhas do Douro trouxe-lhe, é verdade, augmento e riqueza; porém este beneficio não tardou a ser neutralizado pelas tristes consequencias das invasões estrangeiras, e das luctas civis, e tambem pela decadencia d'aquelle importante ramo da nossa industria agricola. Contudo o melhoramento das vias de communicacão promette-lhe mais prosperidade no futuro.

Com a fé christã restabeleceu-se em Lamego a sua antiga sede episcopal, em que tem figurado muitos prelados distinctos em letras e virtudes. Deu-lhe fozal com muitos privilegios el-rei D. João I.

Na velha monarchia gozava esta cidade da prerogativa de se fazer representar em côrtes por procuradores, que tomavam assento no segundo banco.

Tem por brasão d'armas um escudo coroado, e n'elle em campo azul um castello de prata com tres torres sobre campo negro. Ao lado está uma arvore com pomos, que dizem chamar-se *Lamegueiro*; e na parte superior do escudo tem de um lado o sol, de oiro, e do outro a lua, de prata.

Este é o brasão tal qual se vê pintado em um livro das armas das cidades e villas de Portugal,

que se guarda na Torre do Tombo. Entretanto achamos uma variante em alguns autores, que põem uma estrella em vez de lua, e o escudo das quinas reaes por cima da fortaleza.

Divide-se a cidade em tres bairros. Um, que é o mais plano, e principal, chamado da *Praça*, compõe-se de uma praça, e uma comprida e larga rua, com suas travessas. Outro, que fica como uma peninsula entre os dois ribeiros Balsemão e Fafel, comprehende a cathedral, e uma praça em que se levanta o paço do bispo. Chamam a este bairro o *Couto da Sé*. O terceiro bairro, que é em elevação, e se denomina do *Castello*, está no meio dos dois primeiros, e tem na parte mais alta o velho castello arruinado.

São duas as parochias: a sé, e a collegiada de Santa Maria de Almaccave. Aquella é um bom templo de tres naves, de architectura gothica, com tres portas na frontaria, cada uma correspondente á sua nave. Foi edificado pelo conde D. Henrique no principio do seculo XII, e é um dos nossos antigos monumentos mais bem conservados, e onde melhor se pode estudar a architectura d'aquelle epoca em Portugal; pois que, infelizmente, todos, ou quasi todos os outros edificios coevos com o nascimento da monarchia tem sido arruinados completamente pelos seculos, ou deturpados nas reedificações a ponto tal, que não ficaram, ou mal se vêem vestigios do typo primitivo.

Ha n'esta egreja alguns tumulos e sepulturas notaveis, de muita antiguidade. Na capella do Santissimo Sacramento, do lado da epistola, achase mettido na parede o sepulchro de D. Guiomar de Berredo, netá d'el-rei D. Afonso III. No epitaphio diz netá de D. Afonso IV, mas é erro, comprovado por documentos, que existem no archivo da mesma sé. Junto a capella do Sacramento está outra, em que avultam as armas da familia Balsemão; e na qual estão sepultados alguns dos seus ascendentes, e entre elles em rico tumulo Alvaro Pinto da Fonseca, fidalgo da casa real, morgado de Balsemão, e fundador d'este jazigo.

Teve esta se um precioso thesouro de reliquias, e de mui ricos vasos sagrados e alfaias; o qual desgraçadamente perdeu por occasião de um incendio, que devorou quasi toda a sacristia.

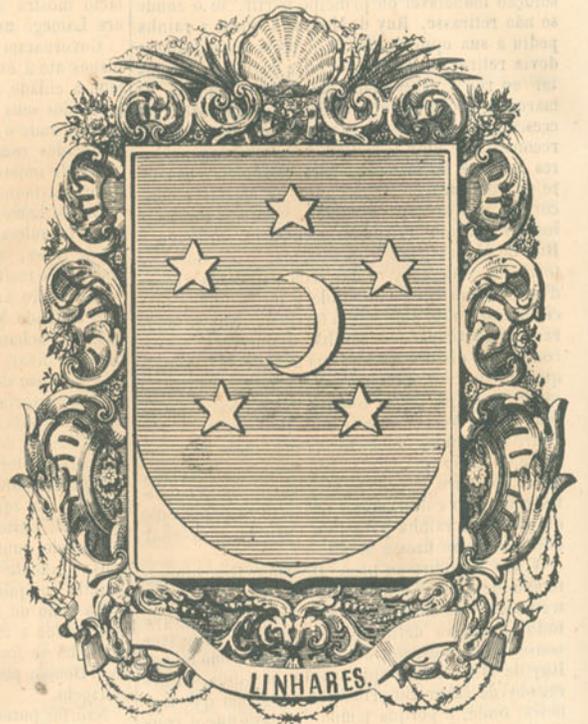
A egreja de Santa Maria de Almaccave, segundo a tradição popular, foi a cathedral no tempo da monarchia dos reis suevos e godos; depois reduzida a mesquita pelos moiros, e finalmente consagrada outra vez ao culto christão sob a invocação da Virgem. O edificio é de architectura humilde e singela, como são, com raras excepções, os poucos monumentos, que nos restam d'essas remotas eras.

Ha mais na cidade a egreja da misericordia com o seu hospital; varias ermidas; o convento das Chagas de freiras franciscanas; e outro de recolhidas. Teve tres conventos de frades: um de capuchos, que foi outr'ora de templarios; outro de conegos seculares de S. João Evangelista; e o terceiro de eremitas de Santo Agostinho.

O paço do bispo é uma boa residencia com sua cerca e jardim. O velho castello acha-se em grande ruina, mas ainda assim é um monumento respeitavel pela sua muita antiguidade, e tambem curioso pela sua estrutura. Na sua elevada torre de menagem mandou o conde de Marialva, D. Francisco Coutinho, abrir uma grande e bella janella de assentos. Indo el-rei D. João II a Lamego pouco depois de se concluir esta obra, perguntou-lhe o conde muito ufano o que lhe parecia aquella janella; mas em vez do elogio, que esperava, respondeu-lhe o monarcha: «Que mais sabia quem a abria, que quem a mandou abrir.» Resposta certamente mui adequada, e que bem quadra aos nossos modernos innovadores, quando sem sciencia, nem consciencia deturpam e mascaram os monumentos antigos com remeados á moderna.

Conta-se tambem d'este soberano, que achando-se proximo a morrer na villa de Alvor, mandara chamar o bispo de Lamego, D. João Madureira Camello da Silva, que vivia vida desagrada, para lhe dizer que levava d'este mundo um grande arrependimento e desconso pelo ter nomeado bispo; e rematando por lhe pedir, que ao menos lhe promettesse emenda.

Envergonhou-se e commoveu-se tanto o bispo com a reprehensão e pedido do rei moribundo, que



Palacio d' Ibrahim-Pacha.



Dantzic

lhe promettê emendar-se, e assim o cumpriu, sendo d'ali em diante um prelado exemplarissimo. Em memoria d'este successo, apenas se recolheu á sua diocese, mandou tirar de cima do retabolo da capella-mór da sê, que era de talha dourada e obra sua, o escudo das suas armas, e no logar d'elle fez collocar uma cruz com as insignias episcopaes, e por baixo duas mãos travadas uma da outra.

A vizinhança do rio Douro, e de um santuario grandioso, e muito venerado; um terreno accidentado, onde os montes se erguem cobertos de bosques, e os valles bem cultivados, e sempre verdejando, graças á abundancia da agua, e á humidade que espalham amiadados nevoeiros; todas estas circumstancias fazem formosos e pittorescos os suburbios de Lamego. E além d'isto são muito productivos, em vinhos especiaes, principalmente, em azeite, cereaes, legumes, frutas, linho, gados, e caça.

Fazem-se na cidade duas feiras annuaes, e muy concorridas, uma no primeiro dia de Março, e a outra a 3 de Maio. Lamego conta uns nove mil e trezentos habitantes. E' actualmente capital d'um districto, e como tal é sede d'um governador civil, e mais autoridades administrativas, de fazenda, e de justiça. Tem um lyceu, e um regimento de infantaria.

I. DE VILHENA BARBOSA.

#### A villa de Linhares.

Na provincia da Beira Alta, quatro leguas a oeste da cidade da Guarda, está a villa de Linhares assentada nas faldas da serra da Estrella, mas em terreno bastante elevado.

Um dos nossos escriptores, que mais se deram ao estudo das antiguidades patrias, posto que accettasse com pouco exame, e menos escrupulo todas e quaesquer opiniões; o padre Carvalho, na sua *Corographia Portugueza*, diz que esta povoação foi fundada pelos turdulos quinhentos e oitenta annos antes do nascimento de Christo, e que se chamara *Lenio* ou *Leniobriga*, corrupto hoje em Linhares. Avança mais, que no tempo dos godos foi cidade episcopal; que se arruinou depois, e que el-rei D. Affonso III de Leão a mandou reedificar pelos annos de 900.

Entretanto, sem que hajam fundamentos plausiveis para se ajuzar da sua fundação, ou pelo menos d'essa remota antiguidade, que o referido autor lhe attribue, é certo que é uma povoação antiga, pois lhe deu foral el-rei D. Affonso Henriques, e parece que a fez povoar de novo.

Quando o nosso rei D. Fernando casou a sua filha legitimada, D. Isabel, com D. Affonso Henriques de Castella, conde de Gijon, filho natural de D. Henrique II, rei de Castella, deu-lhe em dote a villa de Linhares, que tornou poucos annos depois para a corôa.

El-rei D. João III por carta regia do 13 de Maio de 1532 fez conde de Linhares a D. Antonio de Noronha, filho seguido do primeiro marquez de Villa Real, e que tambem foi alcaide-mór de Linhares, além de outros senhorios e empregos, que teve.

Acabando este titulo pela extincção d'esta familia, o principe regente, D. João, mais tarde sexto do nome entre os nossos reis, renovou o titulo de conde de Linhares na pessoa de D. Rodrigo de Sousa Coutinho, conselheiro d'estado, e seu ministro d'estado dos negocios estrangeiros e da guerra. Hoje é seu neto o terceiro conde.

Tem esta villa por brasão d'armas um escudo com uma meia lua e cinco estrellas. Sese der credito á lenda popular, teve este brasão a seguinte origem. Correndo o anno de 1189 entraram pela provincia da Beira tropas leonezas e castelhanas, roubando e devastando as terras por onde passavam. Como se dirigissem sobre o castello de Celorico, que, sendo a principal fortaleza d'aquelles contornos, se acaso fosse tomada, ficariam todos aquelles povos inteiramente á mercê do inimigo, resolveram os moradores de Linhares ir em auxilio dos seus irmãos de Celorico. Chegou o soccorro muito a proposito, porque tambem acabavam de chegar os invasores ás proximidades do castello. Animados os da fortaleza com o inesperado refor-

ço, e impacientes por tirar vingança de tantos damnos e affrontas, não quizeram esperar pelo accommetimento do inimigo. Sairam a campo n'essa mesma noite, e com tão grande denodo se houveram, e tal foi a sua fortuna, que pozeram os adversarios em completo destroço, fugindo covardemente, e deixando no arrayal todas as bagagens, e avultado numero de mortos e prisioneiros. Em memoria de tão assignalada façanha tomaram os vencedores para brasão d'armas das suas respectivas villas de Celorico e de Linhares um escudo com a meia lua e cinco estrellas, porque as estrellas e a lua no seu crescente, alumiando-lhe o caminho, os ajudou a ganhar a victoria.

E' Linhares uma pequena villa, que apenas conta um milhar de habitantes. Tem uma só parochia, dedicada a Nossa Senhora da Conceição; casa da misericordia e hospital, e diversas ermidas. Ainda conserva o seu antigo castello, com duas torres, e duas portas, edificado sobre altos rochedos.

Tanto a villa como os arrabaldes são abastecidos de muita e excellente agua, pois que na primeira, além de varias fontes particulares, ha quatro chafarizes, um dos quaes é de boa architectura, e uma levada d'agua, que pode lavar todas as ruas, e que rega no verão muitas fazendas dos suburbios. São estes bastante arborizados. Só um soute de bellas arvores, que é da camara, tem uma legua de comprimento, e meia de largura.

O clima é muy frio, mas muito saudavel. O termo produz cereaes, vinho, algum azeite, e boas frutas. Cria-se n'elle bastante gado de diferentes especies, e muita variedade de caça.

I. DE VILHENA BARBOSA.

#### Opiniões dos professores e mestres da universidade de Coimbra sobre os direitos de D. Antonio prior do Crato á successão do throno de Portugal.

(Fragmento de uma carta escrita ao santo padre Gregorio XIII.)

Mas a universidade de Coimbra muito conhecida a todo o universo instituida pelo favor e despeza do rei D. João III meu tio, confirmada por autoridade apostolica, muito abundante e ornada de doutores, e mestres muy excellentes em todas as sciencias, quaes o concilio segundo tridentino tem tido e reconhecido grandes catholicos e muy doutos: finalmente academia real insigne e nomeada entre os christãos: não lhe sendo de pouca vantagem e augmento da sua gloria, honra, e nome d'aquelle que tem tido o muy douto e sempre insigne doutor Martinho Aspiciuella Navarro, por lente e mestre do direito canonico; academia muy nobre tem approvedo o direito da minha successão e eleição com applauso, e demonstração de uma alegria recebida de sorte, que ella me tem assim saudado, reconhecido e confessado, rei natural e verdadeiro por muy graves embaixadoras. Estes tem sido Nuno de Noronha filho do conde de Odémira de sangue real, graduado em theologia e doutor e reitor d'esta grande universidade: Luiz de Sotto Maior doutor theologo, e primeiro lente da santa theologia n'esta academia: tambem Fernando Martins Mascarenhas sobrinho do conde de Caminha homem muy nobre, muy douto theologo, conego da igreja de Evora e sobrinho d'aquelle insigne e nomeado Mascarenhas ultimamente embaixador no concilio de Trento, em nome dos reis de Portugal. Tem sido tambem d'esta opinião o excellento doutor João Affonso de Braga, muy conhecido em a corte de Roma, e sempre estimado entre os portuguezes, por causa das suas raras virtudes e singular erudição: Paio Rodrigues doutor theologo, e ornamento d'esta bella e clara faculdade: este sendo consultado e perguntado de seus proprios irmãos e de muytos nobres, para que elle declarasse livre e ingenuamente o que pensava e sentia: disse constantemente e affirmou que se fóra preciso morreria pela defenza d'esta muyto clara e evidente verdade. Isto é o que tem testemunhado publicamente o irmão Antonio de S. Domingos, da ordem dos religiosos dominicos, primeiro regente em theologia escolastica em Coimbra, homem de grandes letras e condição. De resto Pedro Barbosa

muy celebre doutor ordinario em direito civil em a universidade muy florescente de Coimbra, o primeiro regente d'esta mesma faculdade, que Portugal honra e venera: a Hespanha o reconhece, a França o tem ouvido, e a Italia não o ignora: e o mo oraculo do direito imperial homem de idade, muyto florente em a gloria das letras, tem sustentado e defendido as partes do meu direito de maneira que sendo consultado por D. Francisco de Portugal, conde de Vimioso do successo e acontecimento da minha eleição e elevação do estado e dignidade real, a saber, se elle me devia reconhecer verdadeiro rei, beijar-me as mãos, ajudar-me e dar-me o juramento de fidelidade; disse e affirmou muy constantemente que eu era o verdadeiro natural e legitimo rei de Portugal, e como tal devia ser defendido e obedecido por todos e ajuntou que o direito divino e humano ensinava isto: que as leis e ordenações do reino o acreditavam: que o antigo costume o pedia: a força do qual visto que elle tem sido muyto grande tem obtido por vezes a virtude de lei. Ora este muyto excellento doutor tem aconselhado aos outros e a pratica entre os primeiros, isto de muyto boa vontade, sem nenhuma força, ou violencia como é evidente, mostrando o caminho em outros homens da sua ordem e qualidade, para que elles abraçassem, e seguissem este seu donzel conselho com muita grande alegria, espirito e contentamento, para que durante enobviasse tantas calamidades.

O povo portuguez me instituiu rei, e não poderá ser (como eu julgo) que isto não chegasse aos vossos ouvidos como eu me tenho comportado modestamente em esta decisão e successo: em que esforço eu teria regeitado este peso posto em meus hombros em tempos tam calamitosos e deploraveis: o quanto eu tenho resistido constantemente e de que modo eu tenho satisfeito em publico ou em particular a todos os homens de cada ordem, que me tem assistido a esta consagração: a força que me tem feito todos aquelles que resistiam com as espadas desembainhadas, e dar-me a fé e juramento de fidelidade: disse e affirmou muyto constantemente que eu era o verdadeiro, notavel e legitimo rei de Portugal, e como tal devia ser defendido, e obedecido por todos, e ajuntou que o direito divino e humano ensinou isto....

Eu poderia nomear-vos muy poucos e muyto graves doutores, senadores, conselheiros, magistrados entre os quaes eu offereço Sebastião de Figueiredo de Vasconcellos nobre doutor de direito imperial, e muyto inteiro governador em tempo de D. Sebastião, das ilhas Terceiras, o qual depois que o rei Filippe não pode jamais attrahil-o a si por promessas e caricias para que elle uzasse de traição e lhe entregasse as cidades e fortalezas que lhe haviam sido dadas e commettidas em cargo, elle accommetteu com grande furor sobre seus bens (como tem por costume) e os invadiu e tomou: mas este fidalgo muyto constante conteve o povo em sua promessa e dever e foi aquelle o primeiro dos nossos em este tempo que alcançou uma victoria muy gloriosa dos castelhanos.

Se apresenta tambem Pedro de Alpoim doutor em direito civil, descendente de nobre raça governando uma cadeira de Coimbra, o qual por que se tinha embarcado para ir a França a meu respeito e em meu favor tem sido publicamente degolado em Lisboa: Jorge de Amaral tambem doutor da mesma faculdade governando tambem a cadeira na universidade, magistrado e senador de Corte Real, e tambem cavalleiro de Jesus-Christo, preso e atado com cadeias de ferro accommettido e assaltado, é conduzido com violencia para Castella. Manuel da Fonseca de Nobrega, magistrado e senador real, item Manuel da Fonseca Pinto senador, ambos doutores em direito civil, e cavalleiros da ordem de Christo, batalhando valerosamente n'este conflicto foram mortos: e não obstante esta crueldade do rei Filippe, até se estende a não perdoar aos mortos, porque elle mandou que a esposa de Nobrega mulher nobre e muyto honesta fosse enviada em desterro miseravel para Castella e confiscou em parte suas heranças e bens e em parte as deu á pillagem: João Vaz da Matta nobre e muyto excellento doutor de Coimbra em um e outro direito no combate em que elle tinha pe-

lejado valerosamente, tendo recebido algumas feridas, foi constrangido por causa do commum incendio, desordem e afflicção a deixar o paiz, a abandonar as suas riquezas e a habitar em paizes estranhos, e lá tem dado não communs e vulgares demonstrações de sua probidade e produzido fructo da sua erudição e doutrina: item Diogo Salema imperial e senador real foi barbaramente encarcerado nas prisões de Setubal.

A carta termina por este modo: « Isto é depois de ter enviado a vossa santidade esta minha terceira carta, eu darei ordem que ella seja impressa com as copias das duas outras precedentes, e que todas as ditas cartas sejam publicadas para correrem o mundo, para que isso pareça que em coisa de tão grande importancia eu sou esquecido de mim mesmo, e que o meu inimigo se não glorie de tornar suas invenções praticadas, sepultando para sempre esta verdade. Ao que apresentarei mais esta protestaçào que sou obrigado fazer em todo o acontecimento segundo o direito e as leis: tanto pelo que toca a fé catholica como tambem pelo meu direito de padroado concernente em provisões dos benefiçios ecclesiasticos pertencentes á corõa de Portugal dos quaes como tenho ouvido este mesmo rei intruso tem disposto injustamente á sua vontade: e que esta minha intençaõ e protestaçào seja feita e repetida em presença de vossa santidade, a qual Deus muito bom e muito grande queira conservar para o maior augmento da fé catholica e acrescentamento da egreja catholica.

Escrita em Londres 27 de Julho, o anno de Nosso Senhor 1586.

LOPES DE MENDONÇA.

#### O palacio d'Ibrahim-Pachá.

Entre o Cairo e Boulak, que serve de porto a esta cidade, defronte da pequena ilha de Rondah, ergue-se nas margens do Nilo o mais bello de todos os palacios que Ibrahim-Pachá fez construir no Egypto. Ainda que mediocrementem notavel em relação a todas as regras, sem duvida, mas onde a falta de proporções verdadeiramente hellenicãs é em parte compensada por um resto de capricho e de pompa oriental. Como todas as outras artes, a architectura está hoje em um momento de crise e duvida no Oriente: indecisa, fluctua entre a Asia e a Europa, e não se fixará até que uma das duas rivais prevaleça completamente, ou que novo systema venha occupar o lugar que reciprocamente disputam.

Uma unica coisa não varia entre os musulmanos, e segundo todas as apparencias não variará nunca, porque é essencialmente boa: fallamos do seu respeito, e extraordinario amor á natureza. Este culto occupa-os de modo, que para elles o principal encanto de uma casa de campo consiste muito menos na perfeição da estrutura do que na belleza do ponto de vista que domine. Assentam um kiosque á borda d'agua, e bem proximo para que possa ser admirado; multiplicar-lhe as janelas e portas de maneira que a sombra e a luz ahi entrem a cada instante; cercal-o d'arvores de todas as especies; escondel-o o mais possivel na relva; fundil-o, por assim dizer, na agua, no ar e no ceo, eis, com a extensão da perspectiva, o que procuram e sobre tudo apreciam.

N'este sentido, o palacio d'Ibrahim-Pachá é uma obra d'arte muito mais importante do que parece. E' admiravel a vista que se goza das suas janellas: descobrem-se em primeiro lugar jardins de agradável perspectiva, em quanto no segundo plano apparece o Cairo, e, por sobre o Cairo, a cidadella que domina esta capital do Egypto. Os jardins que embelezam este sitio foram plantados por ordem d'Ibrahim: pode dizer-se, que, com o palacio, creou a paizagem.

Na ilha de Rondah, que tambem lhe pertence, e que, pelos seus desejos, foi cultivada, ornada de jardins, e enriquecida d'arvores raras e exóticas, sob a direcção de mr. Troil, horticultor inglez, Ibrahim-Pachá fez construir outra casa de campo quasi defronte da de que nos occupamos. Não ad-

mirará que o filho de Mehemed-Ali nada poupassse para embelezar esta residencia, sabendo-se que passou muitos annos da sua mocidade em Constantinopola; e basta deitar os olhos para a estampa que damos para reconhecer no palacio do Nilo uma reminiscencia dos jali turcos (kiosques á borda d'agua), e como uma recordação ou saudade do Bosphoro, cujas margens, graciosas e severas, mas sempre de maravilhoso effeito, nenhuma arte saberia reproduzir.

#### Chambery.

Vem a proposito a seguinte noticia d'esta cidade, visto que os seus habitantes não deixaram, se são certas as noticias dos jornaes politicos, de mostrar desejos de pertencerem á França.

Chambery é a capital do ducado de Saboya, e a sua povoação eleva-se de quinze a dezeseis mil habitantes. Um dos arrabaldes da cidade actual, e edificado sobre parte do sitio da cidade romana conhecida pelo nome de *Lemencum*. Diversas antiguidades achadas n'este lugar, e entre outras um caduceu de bronze e alguns fragmentos d'uma estatuã do mesmo metal, descobertos ha annos, fizeram julgar a existencia d'um templo de Mercurio no proprio lugar onde é agora a egreja de Lemenc, cuja fundação alguns autores remontam ao seculo vi.

O nome da actual cidade apparece pela primeira vez no começo do seculo xi, e tudo leva a crer que consistia então apenas em um castello e uma aldeã pouco consideravel. Thomaz i, conde de Saboya, comprou, em 1232, todos os direitos, que os senhores de Chambery possuíam sobre a aldeã, só pelo preço de trinta e dois mil soldos fortes de Suza; e a cessão do feudo de Montfort. Arnevo comprou em 1288 o castello, que pertencia então aos senhores da Rochette. Desde esse tempo Chambery foi a residencia dos condes, depois dos duques de Saboya até 1484, em que Carlos i trasladou a sede do governo para Turim.

Os francezes occuparam Chambery desde 1536 a 1559; e apoderaram-se de novo da cidade em 1660, em 1630, em 1690, e em 1703. Os hespanhoes tomaram-na em 1742. Finalmente caiu de novo em poder dos francezes em 1792. Chambery foi elevada á cathogoria de cabeça do departamento do Monte Branco. Os acontecimentos de 1814 tinham-na deixado á França; mas foi entregue aos reis de Sardenha depois dos tratados de 1815.

Como todas as cidades da idade media, Chambery era cercada de baluartes, que foram demolidos no tempo da republica. Depois foi consideravelmente augmentada, e a sua população, que soffrera notavel diminuição com a entrada dos francezes em consequencia da emigração, continuou em estado crescente.

Chambery está assentada entre montanhas muito unidas, uma das quaes faz erguer um de seus arrabaldes em amphitheatro. O lugar que occupa foi, segundo todas as apparencias, em epoca mais ou menos remota, comprehendido no recinto do lago de Burget, distante hoje mais de duas leguas, o que faz com que, por pouco que se profunde cavando no solo, se encontre agua.

O interior da cidade apresenta ainda os vestigios do antigo modo de edificar, pelas ruas estreitas e tortuosas e as casas irregularmente juntas; mas ha annos abriu-se, em substituição d'uma rua antiga, outra que atravessa a cidade de parte a parte, tendo-se construido as casas por um modelo que parece dever tornar-se commum a toda a cidade, e uma parte das quaes é guarnecida de porticos que não seriam improprios em uma cidade mais importante.

Entre os monumentos, são dignos de attençaõ o castello, no recinto do qual ha uma capella do seculo xv, com vidraças coloridas, de architectura gothica; a cathedra, que data do mesmo seculo; o quartel d'infanteria, que Napoleão mandou construir para servir de deposito ás tropas que mandava para a Italia; os cinco hospitaes, que são administrados de modo exemplar; o collegio; e o theatro, reconstruido ha alguns annos.

Chambery possui uma bibliotheca publica, fundada em 1785, que conta de dezeseite a dezoito mil volumes, muitos dos quaes são preciosos; contem

tambem uma collecção de quadros que merecem a attençaõ dos amadores; outra consideravel de medalhas, algumas antiguidades, e um gabinete de mineralogia indigena bastante copioso.

Ha em Chambery uma academia real de sciencias, uma sociedade d'agricultura e de commercio, um seminario, e um collegio.

A arte d'imprimir foi ahi cultivada pouco depois de descoberta, porque Antonio Neyret imprimiu, em 1484, o livro de Balduino, conde de Flandres, e de Ferrant seu filho. No mesmo anno publicaram-se mais dois livros, sendo um impresso pelo mesmo Neyret.

Ha alguns annos, Chambery começou a ter desvolvimento industrial. Além da fabrica de gaze, conhecidas pelo nome de *gazes de Chambery*, fundada em 1773, e que augmenta todos os dias, tem-se estabelecido muitas outras, principalmente de pannos, que, ainda que só forneçam productos para consumo do paiz, não deixam de merecer menção. Em 1837, fundou-se uma fabrica de assucar de beterraba, cujo producto é satisfatorio. Emfim, pelo estabelecimento da ponte de ferro de Belley, que abre communicação directa com Paris, por meio de barcos a vapor, que fazem viagens regulares de Lyon a Aix, e com o caminho de ferro que se estabeleceu de Chambery ao lago de Burget, a industria do paiz não pode deixar de ter incremento.

Chambery é cercada de passeios. Os suburbios da cidade são variadissimos, como todos os paizes semeados de montanhas e collinas.

Chambery honra-se de ter sido berço de Fabro de Vaugelas, d'Albanis Beaumont, autor de muitas obras scientificas sobre a Saboya; de Maistre (Xavier); de Frezier; de S. Francisco de Salles; Bernard Menthon; Berthollet; Bouvard, e muitas outras pessoas distinctas nas armas e nas letras.

Chambery é a sede d'um archiepiscado, d'um governador militar, e d'um senado, cuja jurisdicção se estende a toda a Saboya.

#### Conselhos para fazer versos.

##### IMITAÇÃO.

Para escrever em verso, o apuro dos sentidos é uma das condições essenciaes ao poeta, e o socego do recinto aonde se propõe a compôr, isolado, tranquillo, e sem ornamentos que entrettenham a idéa, que deve estar inteiramente ligada á inspiração que accende n'alma os pensamentos elevados, e faz sair d'ella as harmonias divinas com que tantas vezes a prophetica voz dos bardos alternativamente embriaga, seduz, encanta, arrebatã, alegre, commove, entristece e delira!

E' irresistivel esse poder da poesia no coração humano. Ninguém lê uma pagina de Tasso sem experimentar aquelle affecto sublime da grande alma do maior poeta. Não, não ha ninguem que leia uma estrophe do Dante sem ver diante de si a imagem adoravel da virgem, tão meiga, attraente e cheia d'encantos como o apaixonado amante a viu e a descreveu melhor, do que se tivesse nas mãos em vez da penna, os fadados pinceis de Raphael, Miguel Angelo ou Murillo. Ninguém lê uns versos de Byron sem amar n'elles a electrica seducção de uns olhos de que o bardo falla, e cuja luz impressionativa levou o desasossego da paixão á alma incendida do poeta extasiado.

Não ha leitor que não participe do sentimento do autor do livro, que não veja as imagens phantasticas que produziu, que não se enthusiasme quando elle se enthusiasma, que não admire o que elle admira, que não ame o que ama, que não ria do seu rir, que não chore do seu chorar! Tal é o dom da poesia se o bardo o sabe conservar puro e divino como ella lh'o entrega nos momentos de inspiração.

Na poesia o bom senso deve concordar com a rima quer o assumpto seja serio, quer seja alegre, porque na constante rivalidade em que parecem odiarse em vão, a rima é sempre escrava e não se pode recusar a obedecer. Logo que se procura, chega onde se quer, e o espirito habitua-se facilmente a encontra-la; curva-se sem difficuldade ao juizo da razão que longe de a constranger a engasta com cuidado e a embeleza com primor. Se a despresam podem, torna-se esquivã, faz-se rebelde e para a encontrar de novo, o pensamento corre em sua busca.

Nos escriptos deve attender-se ao raciocínio e ter d'elle toda a grandeza de preço e de esplendor, para que se não erre como muitos outros que impellido d'um transporte insensato, tiram o pensamento sempre fora do verdadeiro sentido, e que julgariam aviltar-se nos seus versos monstruosos, se pensassem aquillo que outros pensaram como elles.

Estes excessos fora do commum, devem sempre evitar-se, deixando a Italia a pompa esplendida d'estas brilhantes inverosimilhanças.

O natural agrada sempre mais, e o que tende ao bom senso, tem outra qualidade de apreço e de estima muito mais valiosa.

O caminho para o conseguir é escorregadio e difficil, e por muito pouco que alguém queira afastar-se d'elle, perde-se logo, não obstante o caminho da razão ter quasi sempre uma unica via. Um autor por muito abundante que tenha o assumpto, não deve concluir sem esgotar a materia.

Os autores de abundancia esteril, são imperfeitos como os gigantes para quem a natureza só foi prodiga na altura. Um anão pode ter mil vezes mais merecimento, porque não o embarça a desproporção, nem o incommoda uma grandeza que tem de se pôr do rastros para entrar onde elle passa direito e altivo sem perder importancia nem dignidade.

Um detalhe inutil nunca se deve escrever porque tudo que se diz de mais é fastidioso e insipido, e o espirito saciado rejeita-o.

Quem mostra não saber limitar-se, prova que não sabe escrever. O medo de um mal, conduz a outro peor: faz-se um verso frouxo, e a emenda endurece-o; evita-se de ser extenso e fica obscuro: um ás vezes florido, tem a inspiração annuviada; outro receando ficar rasteiro, perde-se em densa confusão!

O agrado do publico alcança-se escrevendo incessantemente e com variedade, porque um estylo muito igual e sempre uniforme, em vão deslumbra e acaba por adormecer.

Continua.

F. S.

#### A mundanaria.

Continuação.

VULTO.

Era pelo mez d'Agosto,  
E á hora em que as estrellas  
A furto mostram no rosto  
Fulgurando nos espaços:  
Era á hora do crepusculo,  
Em que tibia a natureza,  
Languida, e quasi exanime,  
Qual donzella adormecida,  
Semilha despir a vida  
Nos suspiros que desprende!  
Hora meiga em que accende  
Dentro d'alma um fogo brando,  
Que, pouco a pouco se ateando,  
Inflama n'alma a saudade!  
Hora triste em que se evade  
Como a luz que foge á terra,  
Quanto jubilo se encerra  
Em jucundo e joven peito  
Aos pezares não afeito  
De que a vida é tão eivada!  
— Não te lembras? — Tu sentada  
Junto a mim, sobre meus hombros  
A meiga fronte poisada,  
Nos meus olhos os teus fitos,  
Fitos, lumes scintillando,  
Leda imagem similhavas  
De um sonho sereno e bello,  
Que os sentidos m'enlevava;  
De um sonho todo d'amor!  
Eras... e posso eu dizel-o?...  
— Captiva, humilde escrava  
Prostrada aos pés do senhor!  
Entre as minhas a mão tua,  
Mão alva de jaspe e nua  
Convulsiva estremeçia...  
Tu tremias, e eu tremia...  
Que disseste, não me lembro;  
Só me lembro que sorriste...  
A nossos pés atro abysmo  
S'escavava... e tu... caiste!

Da razão no paroxismo  
Esse abysmo não mediste,  
Cerrados quasi teus olhos,  
Nem deste pelos escolhos  
D'essa estrada de delicias,  
Que nos leva ao paraizo!  
Após um, outro sorriso  
Teus labios arqueou; caricias  
Me fizeste... enlouqueci!...  
Dei-te um beijo, e outro, e outro,  
E após elles... nada vi!...

Quiz fugir-te: era já tarde.  
Quando em fogo a mente arde  
Abraçada no delirio,  
Toda a fuga é vã, baldada,  
Que depois vem o martyrio!  
Fiquei: olhos incendiados,  
Louco, a mente desvairada,  
E abrasados os sentidos,  
A teus labios mal unidos,  
Ardendo, os meus fui unir.  
Enlaçaste-me em teus braços...

.....  
E só a brisa e os espaços  
E' que me viram, contigo,  
No fundo abysmo cair!

E foi n'adorada estancia  
Da nossa feliz infancia  
Onde o crime consumámos!...  
Ai! quantas, e quantas vezes  
Aos da vida agros revezes  
Inda isemptos, sem cuidado,  
Ali, meigos, descuidados  
Do porvir, nos não sentámos  
A sombra d'aliva faia,  
Que, qual amiga estremada  
Sob a rama tão copada,  
No estio, d'ardentia  
Do sol que nos allumia,  
Cuidosa nos resguardava,  
E amiga nos defendia!

Continua.

H. VAN-DEITERS.

#### Os brutos sabios.

Fallando livre de peta,  
Digo e direi: — valém mais,  
Muitas vezes que os humanos  
Os brutinhos animaes:  
Ha homens rombos de idéas,  
E com as cabeças cheias,  
De teias d'aranha — só;  
E cavallos tão matreiros,  
Que, vendo maus cavalleiros,  
Pregam com elles no pó.

Ha burrinhos tão espertos,  
Que, sentindo tentações  
De ferrar na carga o dente,  
Pregam no chão co'os ceirões;  
E livres da dita carga,  
Dando alivio á sorte amarga,  
Vão descansados comer;  
E ha homens — até de farda —  
Que sem sacudir a albarda  
Vão vivendo até morrer.

Ha damas, que não conhecem  
Uma letra do alphabeto,  
E não distinguem — palavra —  
Uma abob'ra d'um soneto!...  
E com grande enthusiasmo  
Eu já vi, cheio de pasmo,  
Pulgas de grande saber,  
Industriosas chamadas,  
Que, a trabalhar ensinadas,  
Davam ao dono o comer.

Ha n'este mundo meninas,  
Ou casadas, ou donzellas,  
Que passam o dia inteiro  
Pespegadas nas janellas,  
Esquecendo os seus trabalhos,  
E, feitas uns espantalhos,  
Nem sabem o b a ba;  
E vejo servieças gatos,  
Que pagam, matando ratos,  
A quem espinhas lhes dá.

Ha muitas que não se atrevem,  
Só por ter medo de errar,  
Se estão diante de gente,  
A abrir a bocca, e fallar;  
Temem dizer mil asneiras,  
Parvoices, baboseiras,  
E sandices de assombrar;  
Porém, sem fazer ensaio,  
Em publico o papagaio  
Sabe sem medo fallar.

E quasi que afirmar posso,  
Que tomaram deputados  
Fallar como papagaios  
Na gaiola empoleirados!  
Pois os seus discursos graves  
Não vencem os d'estas aves,  
Oriundas do Brazil:  
Ellas teem lindas prelegas,  
Elles, no fim das arengas,  
Só fazem leis de funil.

O rouxinol sonoro,  
Que solfa não aprendeu,  
Quando solta o lindo canto  
Sempre o peito commoveu;  
O melro, quando assobia,  
Sabe com sua harmonia  
O coração encantar;  
E homens, como eu, aos milhares,  
Nem modinhas populares  
Se atrevem a assobiar.

O homem ao bemfeitor  
Recompensa com maldade;  
O cão é, e será sempre,  
Symb'lo da fidelidade;  
O leve e astuto macaco,  
Vestido com seu casaco,  
Dá saltos de trampolim;  
O homem menos pelludo  
Precisa de grande estudo  
Quando quer ser arlequim.

Trabalha de noite e dia  
A providente formiga,  
Amontoa os mantimentos  
Porque tem dó da barriga...  
E ha homens — até casados —  
De sizo tão desgraçados,  
Que passam mil privações;  
E, a chorar n'um desatino,  
Dão as culpas ao destino,  
E, por fim, são mandriões.

A' vista d'estas verdades,  
A que ninguem chama enganoso,  
Ao ver mil brutos espertos,  
E mil pacovios humanos;  
Darei — que se a biancharia  
Vier a alcançar um dia  
Da palavra o bello dom,  
Será cruel e tyranna,  
A vaidosa raça humana  
Descompondo alto e bom som.

#### Soneto.

Valente gatarrão de rabo alçado,  
É por ti que na lyra agora arranho,  
Pois tens, de teu officio em desempenho,  
Gigantes ratanzas derrotado:

A grandes cães de fila, e cães de gado  
Não viras teu focinho d'arreganho;  
Muitos fugido teem do teu gadanho  
Com o rabo entre as pernas entalado:

Deves ser aclamado rei dos gatos,  
E trazer no pescoço uma colleira,  
Mas sem guiso — que fóra annuncio aos ratos.

E's um bicho estimavel de maneira,  
Que mercedes comer em limpos pratos  
O melhor que se encontra na ribeira.

J. I. D'ARAÚJO.